

**OCTÁVIO BRANDÃO: UMA LEITURA MARXISTA DOS DILEMAS DA
MODERNIZAÇÃO BRASILEIRA.**

Alexandre M. E. Rodrigues

Mestrando em História pela UERJ e Coordenador de
Acesso e Difusão Documental do Arquivo Nacional

No prefácio escrito para a primeira edição de seu livro intitulado *Evolução Política do Brasil*, obra de estréia do então jovem historiador, publicado no ano de 1933, Caio Prado Júnior começa alertando os seus leitores tanto para a intenção de realizar nesse “simples ensaio” uma síntese, e não “traçar a sua história completa”, quanto para o recurso a “um método relativamente novo”, uma interpretação materialista da história brasileira¹. Esse aspecto “relativamente novo”, no que diz respeito à abordagem mais claramente inspirada no marxismo para analisar a realidade nacional, levanta uma problemática relevante para a compreensão de uma obra escrita e publicada ainda na década anterior. A obra é *Agrarismo e Industrialismo* de Octávio Brandão e a problemática, que merece alguns comentários iniciais, é a da difusão e recepção do marxismo no nosso país.

Convém destacar que o processo de difusão das idéias de Marx e Engels percorreu uma longa e tortuosa travessia. Isso adquire um caráter particular para a América Latina e o Brasil, o que não se deve apenas à complexidade do pensamento desenvolvido por eles, à pouca influência das tradições teóricas de seus interlocutores, às limitadas referências deste continente na obra deles, mas, também, ao contexto específico da própria realidade vivida, particularmente em nosso país.

Dois momentos importantes para a repercussão destas idéias foram, por exemplo, o advento da Comuna de Paris e o anúncio da morte de Marx. Nesta época, ainda existiam o fenômeno da escravidão, um modelo econômico agro-exportador e as instituições políticas próprias do Segundo Reinado, que entrarão em colapso logo depois.

Entretanto, o trabalho intelectual de Marx e Engels é parte constitutiva da produção cultural universal. E, desde o predomínio do capital mercantil, a dinâmica de instauração de um mercado e de sistema mundial vem incorporando a produção cultural.

“Em lugar do antigo isolamento de regiões e nações, que se bastavam a si próprias desenvolve-se um intercâmbio universal, uma universal interdependência das nações. E isto se refere tanto à produção material quanto à produção intelectual. As criações intelectuais de uma nação tornam-se propriedade comum de todas. A estreiteza e o exclusivismo nacionais tornam – se cada vez mais impossíveis; das inúmeras literaturas nacionais e locais, nasce uma literatura universal.”²

As citações e referências iniciais às idéias de Marx e Engels são esparsas e episódicas. Restringem-se num primeiro momento, basicamente, a alguns intelectuais e pequenos círculos socialistas. Não obstante, estas mesmas idéias encontram-se associadas a outras como o darwinismo, o evolucionismo ou o positivismo. Ainda assim, elas não conseguiam ter muita audiência no circuito fechado e no elitismo predominante do campo intelectual neste país.

No processo de industrialização e de formação da classe operária, em grande medida pela ação de lideranças emergentes no próprio movimento operário, vai mudando o perfil dos debates socialistas. Em relativamente pouco tempo, vai sendo consolidada a hegemonia do anarquismo e do anarco-sindicalismo no seio do movimento operário brasileiro.

O impacto da Revolução Russa estimulou uma profunda reformulação da teoria marxista no mundo inteiro. O colapso da social-democracia européia, assinalado pelo apoio desta ao belicismo dos Estados Nacionais ao se envolverem na 1ª Grande Guerra, e o ascenso das idéias de Lênin marcaram decisivamente a divulgação, a avaliação e a reflexão da teoria marxista. No caso brasileiro, a carência de uma sólida tradição teórica marxista entre os nossos intelectuais faz com que o leninismo seja o caminho de aproximação efetiva com o marxismo³.

No seu livro de memórias, *Combates e batalhas*, Octávio Brandão relata a sua partida de Alagoas para a capital da República e elenca dentre os principais motivos para isso as ameaças contra a sua vida na sua terra natal, a vontade de publicar o seu

¹ PRADO JÚNIOR, Caio. *Evolução Política do Brasil e Outros Estudos*. São Paulo: Brasiliense, 1980, 12ª ed., p 9.

² MARX, K. e ENGELS, F. *O Manifesto Comunista*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

³ MORAIS, João Quartim de. “A evolução da consciência política dos marxistas brasileiros”. In: _____ (org.). *História do marxismo no Brasil*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1995, pp. 47-48.

livro *Canais e Lagoas* e um novo patamar para o seu engajamento político. Nesse período de militância anarquista, ele demonstra com a sua experiência de vida elementos relacionados com o que expusemos anteriormente:

(...) *Procurava ansiosamente quem me respondesse às três perguntas de sempre:*

- *“Quem é Lênin? Que é o marxismo? Que significa a Revolução Socialista na Rússia?”*

*Não obtive nenhuma resposta concreta até 1922. Tudo vago, incerto. Ou completamente errôneo. Na época, ninguém conhecia o marxismo no Brasil. Que atraso!*⁴

O Partido Comunista do Brasil (PCB) – Seção Brasileira da Internacional Comunista (SBIC) – foi constituído oficialmente no seu I Congresso, realizado nos dias 25, 26 e 27 de março de 1922. Deste congresso de fundação, estiveram presentes nove delegados, representando 73 militantes e integrantes dos grupos comunistas formados sob o impacto da Revolução Russa nas cidades de Cruzeiro, Niterói, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. Os grupos de Santos e de Juiz de Fora não conseguiram enviar os seus delegados.

Em relação aos nove delegados presentes no congresso de fundação do PCB, oito deles haviam integrado as fileiras do anarquismo, e apenas um delegado não tinha uma origem anarquista, mas socialista. De acordo com Eric J. Hobsbawm, “todo partido comunista foi filho do casamento – realizado tanto por amor quanto por conveniência – de dois parceiros mal-ajustados: uma esquerda nacional e a Revolução de Outubro”⁵.

Octávio Brandão não entrou, de imediato, no PCB. Procurou obter primeiro mais informações sobre as idéias marxistas. Astrojildo Pereira o visitava na farmácia em que trabalhava e emprestava alguns livros marxistas. E, assim, começou a ler as traduções francesas de livros de Marx, Engels e Lênin. No segundo semestre de 1922, ele assina a sua adesão ao PCB, significando um novo marco na sua vida. Para ele, tratava-se de “fundir o realismo da luta revolucionária com o romantismo heróico”⁶.

No ano seguinte, Octávio Brandão realiza a primeira tradução brasileira do *Manifesto Comunista* de Marx e Engels, a partir da edição francesa de Laura Lafargue, que foi publicada no jornal sindical *Voz Cosmopolita*. Depois disso, essa tradução é

⁴ BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*. São Paulo, Alfa-Omega, 1978, p. 135.

⁵ HOBBSAWM, E. J. *Revolucionários*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, p.15.

publicada em folhetos, sem o nome do tradutor na folha de rosto, em 1924, editado pela Seção de Porto Alegre do PCB e com uma tiragem de 3.000 exemplares⁷. Não obstante, ele mesmo reconhece que, entre 1922 e 1929, “as influências decisivas sobre o PCB foram as de Lênin em primeiro lugar, de Marx e Engels em segundo lugar”⁸.

Agrarismo e industrialismo é uma obra que tem como *leitmotiv* fazer uma análise (“marxista-leninista”) da revolta tenentista ocorrida em São Paulo, entre os dias 5 e 28 de julho de 1924, e os desafios a ela relacionados para dinâmica da luta de classes. Essa obra é dividida em três partes: a primeira, “Análise”, e a segunda, “Síntese”, datadas de 28 de julho a 22 de agosto de 1924”; a terceira parte, “A revolta permanente”, tem o seu primeiro ítem, “Seis meses depois”, com a indicação de local e data constando “Buenos Aires, 13 de março de 1925”; e o segundo e último ítem da terceira parte, “Em marcha para o futuro”, tem a indicação de “Buenos Aires, 9 de março de 1926”.

O referido trabalho começou a ser escrito logo após a derrota dos revoltosos em São Paulo, no dia 28 de julho de 1924, considerada a primeira etapa da segunda batalha, pois a primeira teria sido o levante assim conhecido como os “18 do forte de Copacabana”, ocorrido no dia 5 de julho de 1922. A etapa seguinte da batalha, que começa com o segundo 5 de julho, no ano de 1924, é marcada pela chamada Grande Marcha.

De acordo com o autor, “a parte fundamental” desse trabalho foi escrita um pouco menos de um mês depois da derrota dos revoltosos em São Paulo, distribuindo cópias para amigos, e tendo acabado de ler a tradução francesa de *O Imperialismo, fase superior do capitalismo*, de Lênin⁹. Essa influência ganha maior relevo com a seguinte explicitação a certa altura do texto:

Sem o exame, que fizemos, do imperialismo em geral e sem o estudo, que vamos fazer, do imperialismo em particular, a revolta de 1924 e a guerra de classes no Brasil perderão uma de suas significações mais profundas. Abandonemos a estreiteza do pequeno burguês, que só vê Isidoro e Bernardes, e encaremos o problema em toda a sua amplitude. Estas páginas não constituem uma crônica da revolta de 24

⁶ BRANDÃO, Octávio. Op. Cit., p.233.

⁷ Cf. Idem, ibidem, pp. 241-242. CARONE, Edgard. A Trajetória do Manifesto do partido comunista no Brasil. In: Idem, *Da Esquerda à Direita*. Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1991, pp. 63-92.

⁸ BRANDÃO, Octávio. Op. Cit., p.233.

⁹ Cf. Idem, ibidem, p.285.

*e sim um esboço da situação brasileira num dado momento histórico, um quadro geral do fenômeno histórico brasileiro em ligação com o fenômeno histórico internacional e como dependência deste. A história brasileira é apenas um elo da cadeia histórica universal.*¹⁰

Para despistar a repressão do governo de Artur Bernardes, Brandão adotou, em *Agrarismo e industrialismo*, o pseudônimo de Fritz Mayer e identificou como local de edição Buenos Aires, tendo sido, na verdade, publicado no Rio de Janeiro, em 1926. A diferença de tempo entre a conclusão do que pode ser considerado a “parte fundamental” do texto e a sua publicação permitiu ao autor empreender determinadas atualizações.

A publicação tem como subtítulo “Ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil”. O próprio uso da expressão “marxismo-leninismo” é inédito. Provavelmente, esse ineditismo pode não estar restrito ao uso no sentido da sua apropriação, mas à criação da expressão. Pois, ela foi lançada por A. M. Deborin e ao seu grupo da Academia Comunista em março de 1928. Conforme já foi observado por João Quartim de Moraes, mesmo que o autor tenha acrescentado o referido termo “às vésperas da impressão de *Agrarismo e industrialismo*, ainda assim ter-se-á antecipado dois anos à iniciativa de Deborin”¹¹. Uma expressão que será bastante usual ou até praticamente obrigatória nos documentos e textos comunistas a partir dos anos trinta.

Octávio Brandão começa a sua argumentação já identificando o movimento tenetista com a pequena burguesia e os fazendeiros de café como os “senhores da nação”. E defende que caso a revolta iniciada no segundo 5 de julho (1922 e 1924) seja derrotada, uma terceira virá como “necessidade fatal”, à medida que as causas desses movimentos revoltosos “persistem e persistirão ainda por bastante tempo”¹².

Para o autor, essas causas são econômicas, políticas e psicológicas. Elas não deixam de ter relações diretas com a dinâmica internacional quando se inclui na causa econômica a disputa entre o imperialismo inglês e norte-americano; na causa política, uma avaliação de que a situação internacional é revolucionária e a atuação dos

¹⁰ MAYER, Fritz (pseud. de Octávio Brandão). *Agrarismo e industrialismo. Ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil*. Buenos Aires, s.ed., 1926, p.37.

¹¹ MORAIS, João Quartim de. A influência do leninismo de Stálin no comunismo brasileiro. In: REIS FILHO, Daniel Aarão (et al.). *História do marxismo no Brasil*. Vol 1. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991, p.79.

¹² MAYER, Fritz. Op. Cit., p.3.

fazendeiros do café, numa rivalidade crescente com os industriais, fragilizam o “Estado burguês agrário”; na causa psicológica, um “espírito de revolta”.

A avaliação da situação internacional é francamente positiva. Acredita que uma onda revolucionária entre os anos de 1917 a 1919, retrocedendo nos anos de 1920-1923, estava voltando a avançar. Chega a declarar a “inanidade do funhal fascista contra a revolução mundial!”¹³. Com essa avaliação, ele vai buscar interpretar a realidade nacional e, em particular, a revolta de 24:

*Trata-se, pois, de um episódio, uma escaramuça local de uma grande batalha internacional: a guerra internacional das classes. No Brasil, a pequena burguesia luta contra o fazendeiro de café. Nos países “civilizados”, o proletariado luta contra a burguesia. Eis a diferença, o que mostra o nosso atraso de pobres bugres da América do Sul. No Brasil, os pequenos burgueses lutam contra os agrários feudais como na Alemanha de 1848.*¹⁴

Na análise da situação nacional, o autor elenca alguns tópicos que considera elucidativos. A dimensão física com a sua amplitude territorial exige um maior conhecimento de uma terra ainda a ser desbravada. De um ponto de vista etnológico, afirma que o homem e a terra ainda estão em formação, não havendo um tipo definido. Esses aspectos revelam uma certa aproximação do autor com Euclides da Cunha ao ressaltar na análise a questão da raça e do meio físico¹⁵.

Em relação à economia, o café é destacado como o principal produto do mercado. A economia agrária é identificada como economia feudal. A indústria ainda incipiente e a luta imperialista anglo-americana são discutidas. Brandão não hesita em deixar claro a sua posição acerca das conseqüências da dominação econômica exercida pelos fazendeiros de café: “a política, a psicologia e a hierarquia social são cafeeiras”¹⁶.

“Todo o país está envenenado pelo agrarismo”¹⁷. Isso também se reflete no sistema partidário, no qual o autor atesta a existência de somente dois partidos organizados: o Partido Comunista, representando o proletariado, e o Partido Republicano, representando os grandes fazendeiros de café. A burguesia industrial não

¹³ Idem, ibidem, p.5.

¹⁴ Idem, ibidem, p.6

¹⁵ Cf. SILVA, Ângelo José da. Agrarismo e industrialismo: uma primeira tentativa marxista de interpretação do Brasil. In: *Revista de Sociologia e Política*, n° 8, Curitiba, pp.45-46.

¹⁶ MAYER, Fritz. Op. Cit., p.9.

¹⁷ Idem, ibidem, p.10.

teria ainda, portanto, o seu partido, o que demonstraria o seu atraso político. Mesmo assim, já estava colocado o choque entre duas realidades: o agrarismo ou feudalismo e o industrialismo. E, mais do que isso, a convicção de que o “industrialismo despedaçará o feudalismo. E o comunismo despedaçará o industrialismo burguês”¹⁸.

Brandão elenca também a dimensão psicológica, social, medievista, confusionista e sintética. Nelas, acredita demonstrar as manifestações medievais no imaginário e na dinâmica social que integram o atraso do país. Rebutalhos ameaçados pelo avanço do industrialismo.

Avaliando os dois episódios ocorridos no dia 5 de julho de 1922 e de 1924, ele destaca a inexperiência política, o desconhecimento sobre Marx, Engels e a arte da insurreição armada, e, mesmo a segunda revolta ultrapassando o alcance da primeira, a importância de explorar a rivalidade imperialista anglo-americana. Uma rivalidade imperialista que poderia desempenhar um papel decisivo até mesmo na disputa política nacional.

A luta pela supremacia no mercado brasileiro lança as burguesias inglesa e norte-americana numa guerra mortal. A Inglaterra apoia o presidente Bernardes, isto é, o fazendeiro de café, o agrário retrógrado. A América do Norte, direta ou indiretamente, apoia os revoltosos, isto é, a pequena burguesia, atrás da qual, mais cedo ou mais tarde, agirá o grande burguês industrial.

*(...) E, entre os dois o meio termo: a pequena burguesia aliada ao industrialismo, penúltima etapa da economia capitalista.*¹⁹

A história do proletariado industrial é dividida em oito etapas: a primeira, é a sua “gestação” de 1889 a 1914; a segunda, marca a sua “eclosão” entre 1914 e 1917; a terceira representa o seu “apogeu” entre 1917 e 1919; a quarta é o “crepúsculo” de 1919 a 1920; a quinta vai de 1920 a 1921; a sexta significa o “reagrupamento de forças” de 1921 a 1922; a sétima, refere-se a novas batalhas com a existência PCB entre 1922 e 1925; a última etapa é marcada pelo jornal *A classe operária*, com o seu primeiro número aparecendo no 1º de maio de 1925.

Dois aspectos da sua análise merecem ser mencionados. Um diz respeito à sua compreensão da dialética e a aplicação que é feita no decorrer do texto. O outro se refere às alianças que o proletariado deve fazer para alcançar as suas metas políticas.

¹⁸ Idem, ibidem, p.14.

Em relação ao primeiro aspecto, cabe destacar a redução da dialética à tríade “tese-antítese-síntese”. Esse esquema triádico é mecanicamente aplicado em toda a sua reflexão. No caso do 5 de julho de 1924, o presidente Artur Bernardes representa o agrarismo feudal (tese ou afirmação); Isidoro representa a pequena burguesia e o industrialismo (antítese ou negação); e a revolução proletária representa a superação (síntese ou negação da negação). Dessa maneira, aplica a sua “dialética” à história do Brasil e de Roma. Chega à conclusão de que os quatro séculos da história do Brasil produziram 10 ciclos e os 20 séculos da história de Roma produziram apenas 8 ciclos. Algo a que respondeu sem constrangimentos: “um século da história antiga ou da história moderna equivale, por vezes, a um ano da história atual”²⁰.

A concepção claramente dualista de análise da realidade repercute de modo direto na proposição sobre as alianças de classes e na perspectiva de modernização da sociedade brasileira. Octávio Brandão propõe uma “frente única” do proletariado com a pequena burguesia e a grande burguesia industrial²¹. Ao contrário das reflexões que Antonio Gramsci vinha fazendo naquele mesmo período sobre a “hegemonia do proletariado”, defendendo a obtenção do consenso com as amplas massas camponesas da Itália²², o campesinato não lhe parece cumprir um papel de destaque como aliado do proletariado na disputa política nacional.

Na terceira e última parte de sua publicação, intitulada “a Revolução Permanente”, Brandão é enfático ao afirmar que “o futuro do Brasil está na grande indústria centralizada – base objetiva da sociedade comunista”²³. A necessária discussão acerca do bloco de forças capaz de impulsionar o processo de modernização e um novo patamar na própria disputa política na sociedade, aparece identificada com o tema do industrialismo.

O debate sobre a dinâmica de industrialização entre os intelectuais mais vinculados ao movimento operário e aos partidos comunistas não é pequeno. Um significativo exemplo podemos encontrar nos *7 ensaios de interpretação da realidade peruana*, de José Carlos Mariátegui:

¹⁹ Idem, ibidem, p.43 e 44.

²⁰ Idem, ibidem, p.63. Cf. KONDER, Leandro. *Intelectuais brasileiros & marxismo*. Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1991, pp.23-24, e *A derrota da dialética*. Rio de Janeiro, Campus, 1988, pp.144-148.

²¹ Cf. MAYER, Fritz. Op. Cit., p.21, 22, 67,68 e 85.

²² GRAMSCI, Antonio. *A questão meridional*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, p.139.

²³ MAYER, Fritz. Op. Cit., p.71

*O industrialismo aparece como o todo-poderoso. E, se bem que um pouco fatigada de mecanicismo e de artifícios, a humanidade declara-se, aos poucos, mais ou menos disposta a uma volta à natureza, ninguém é capaz de prever ainda a decadência da máquina e da manufatura. A Rússia, metrópole da nascente civilização socialista, trabalha febrilmente para desenvolver a sua indústria. O sonho de Lenine era a eletrificação do país. Em suma, onde decline uma civilização como onde surja outra, a indústria mantém intacta sua pujança. Nem a burguesia, nem o proletariado podem conceber uma civilização que não repouse sobre a indústria.*²⁴

Apoiando-se no trabalho de Octávio Brandão, Astrojildo Pereira redigiu as teses do II Congresso do PCB, realizado em maio de 1925. O que demonstra, antes de mais nada, a importância e o reconhecimento desse trabalho junto aos comunistas brasileiros. O partido jogado na ilegalidade e o país vivendo num estado de sítio expressam o momento difícil no qual uma posição apregoa a terceira revolta e, em especial, a vitória do industrialismo sobre o agrarismo exerce de antemão uma grande força política e moral.

A artificialidade do dualismo “agrarismo-industrialismo” é bastante evidente se o processo de industrialização na América do Sul e no Brasil for analisado mais detidamente. Pois, de um modo geral, ele não implicou rupturas revolucionárias, mas, ao contrário, “ajustamento entre empresários industriais e oligarquias agrárias realizado sob a égide de um Estado empenhado numa revolução-conservação”²⁵.

A despeito das limitações identificadas, a identificação do tenentismo com as camadas médias, o reconhecimento do seu papel na radicalização política contra os fazendeiros de café e na crise de hegemonia que se materializa com o colapso da ordem do liberalismo oligárquico expressam a sensibilidade teórica e política do autor. Os avanços no processo de industrialização, urbanização e as lutas por direitos sociais reforçam a ampliação de horizontes no debate político e cultural.

Mesmo sofrendo críticas virulentas ao entrar na década de trinta, o livro de Octávio Brandão também tem os seus méritos. E não são poucos. Méritos que, sem dúvida, foram ofuscados, por exemplo, pela mudança de rumos do movimento comunista internacional, pelo desmantelamento do grupo dirigente que se consolidou no

²⁴ MARIÁTEGUI, José Carlos. *7 ensaios de interpretação da realidade peruana*. São Paulo, Alfa-Omega, 1975, p.158.

²⁵ VIANNA, Luiz Werneck. Questão nacional e democracia: o ocidente incompleto do PCB. *Revista Novos Rumos*. São Paulo, v.3, n.º.8-9, 1988, p.157

PCB durante a década de vinte e pelo maior mimetismo adquirido pelo partido face ao chamado “marxismo soviético”.

A partir da década de trinta, o PCB vai cedendo espaço como pólo institucional de produção teórica e analítica, mesmo incipiente e limitada, acerca sociedade brasileira. E, nesse sentido, será com Caio Prado Júnior que a discussão acerca da realidade brasileira, tendo por base um arcabouço teórico marxista, será retomada.

Anos mais tarde, Octávio Brandão chegou a fazer a autocrítica sobre as teses defendidas no seu livro. No final da década de cinquenta, ele ressaltou os “desvios de direita” contidos naquelas teses. Nas suas memórias, procura fazer um balanço mais detalhado:

A obra tem falhas. Não compreendeu, com a devida clareza, o caráter e o conteúdo da revolução no Brasil. Nem suas forças motrizes. Nem suas etapas. Nem a ligação e a correlação entre as etapas. Nem o desenvolvimento e a transformação da revolução agrária, popular, democrática e antiimperialista, em revolução proletária, socialista. Subestimou a importância dos camponeses – os melhores aliados da classe operária. Não viu com clareza a diferença entre os vários grupos de trabalhadores revoltosos. Exagerou a significação da tríade – a tese, a antítese e a síntese. Fez uma aplicação esquemática da tríade materialista à História do Brasil.

Apesar destas e de outras falhas, trata-se de um livro progressista e revolucionário, de pioneiro e de precursor.²⁶

Para Astrojildo Pereira, *Agrarismo e industrialismo* foi a “primeira tentativa de feita no Brasil de análise marxista da situação nacional”. John W. F. Dulles chamou Octávio Brandão de “teórico do PCB” dos anos vinte. Com tudo isso, ao invés da simples condenação apressada e descontextualizada de determinadas teses por ele defendidas, estudos mais detalhados sobre o itinerário e a obra de Octávio Brandão tem uma importância destacada para uma melhor compreensão da recepção, interpretação e da própria história do marxismo no Brasil.

²⁶ BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*. São Paulo, Alfa-Omega, 1978, p.287.